

Contraponto: A Experimentação do Jornalismo de Revista¹

Jaqueline Suarez BASTOS²

Luis Henrick Teixeira da SILVA³

Ivana BARRETO⁴

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ

RESUMO

A Revista *Contraponto* é o produto final da disciplina Planejamento Editorial, do 4º semestre de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. A publicação, segmentada em sociedade e cultura, tem como tema a capital carioca e sua sub-representação na grande mídia. A proposta é realizar coberturas mais abrangentes e reflexivas, contribuindo para questionar estereótipos e visibilizar conflitos sociais. A *Contraponto* está em sua primeira edição e foi produzida por quatro alunos, que puderam experimentar todas as etapas de produção de uma revista.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Representação; Revista; Rio de Janeiro.

1 INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação integram um importante e disputado espaço de representação na sociedade atual, através dos quais as pessoas se apropriam da realidade, principalmente, daquela que não vivenciam diretamente. A narrativa jornalística atribui valores, que transformam ou reforçam determinadas crenças sociais (VAZ, 2013), construindo socialmente a realidade. O conjunto de ideias que se tem sobre um grupo ou espaço se constitui, em sua maioria, pelos elementos simbólicos fornecidos pela mídia. A partir disso, a *Contraponto* propõe uma reflexão acerca da representação do Rio de Janeiro e dos cariocas no jornalismo e como esta influencia o imaginário sobre a cidade.

No cenário local, podem-se destacar atualmente cinco jornais: O Globo, Extra, Meia Hora, O Dia e Expresso. Apesar de pertencerem a duas empresas diferentes, nota-se que todos são bem parecidos, tanto em suas pautas como em suas ideias e opiniões (VAZ, 2013). Existe certo consenso sobre o quê e como noticiar. Observa-se a carência de visibilidade e diversidade na cobertura de determinados temas. As notícias são simplistas e

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na categoria Jornalismo, modalidade Revista-laboratório impressa.

² Aluna líder do grupo e estudante do 5º semestre do curso de Jornalismo, email: suarez.jaque@gmail.com.

³ Estudante do 5º semestre do curso de Jornalismo, email: luishenrickts@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: ivanabarreto75@gmail.com.

apresentadas a partir de um mesmo enfoque, com fontes e opiniões que pouco divergem e/ou aprofundam a discussão (ROCHA, 2010).

Contraponto é uma revista que se pretende um espaço de reflexão e propõe uma releitura dos assuntos veiculados na mídia tradicional. Como orienta Francisco Karam, o jornalismo precisa mostrar visões políticas e ideológicas contraditórias, ceder espaço para o plural e o particular, “deve mostrar tanto aquilo que humaniza quanto aquilo que desumaniza o homem” (1997, p.94). A revista fundamenta-se em três princípios que norteiam todo o seu processo de produção: visibilidade a questões sociais características do Rio, jornalismo humanizado e contramão à lógica mercadológica.

As pautas trabalham temas que sejam, frequentemente, relacionados à cidade na mídia, de modo negativo, como as favelas, a prostituição, os trabalhadores ambulantes e os moradores de rua. Essas histórias ganham espaço, rosto e voz nas páginas da revista. Uma narrativa que não se intenta objetiva e nem imparcial; em oposição, busca um jornalismo descritivo que mergulhe no contexto de cada personagem. Matérias que tenham como foco pessoas, que protagonizem diferentes tipos de lutas sociais, em vários pontos do Rio de Janeiro.

2 OBJETIVO

A revista *Contraponto* é resultado do trabalho realizado durante o segundo semestre de 2015 para a disciplina Planejamento gráfico do quarto período de Jornalismo. O processo de produção promove o encontro com as disciplinas Fotojornalismo e Editoração Eletrônica. O intuito é oferecer aos alunos a vivência prática de todo o processo de produção de uma revista, desde a criação de um projeto editorial, com a definição do posicionamento político, passando pela seleção dos assuntos e produção dos textos, até a edição final, diagramação e publicação.

A ideia é que os alunos exercitem o jornalismo reflexivo e crítico, trabalhem com matérias mais aprofundadas e possam experimentar diferentes gêneros textuais e visuais para contar uma história. Além disso, exercitar o jornalismo de revista e a grande reportagem.

2.1 OBJETIVOS ESPECIFICOS

Nota-se que no Rio de Janeiro existem grupos e espaços que ficam à margem do protagonismo jornalístico. São comunidades violentadas pela carga simbólica produzida ou reforçada pela mídia hegemônica, por meio de representações estereotipadas e reducionistas. Narrativas que destacam os fatos e esquecem os nomes, que enfatizam determinados temas em certos lugares e os condenam a serem vistos a partir de um mesmo enfoque (ROCHA, 2010).

O propósito da *Contraponto* é proporcionar uma visão ampla das realidades que coexistem na Cidade, valorizando a diversidade social e cultural presentes no Rio de Janeiro. O intuito é contribuir para o debate acerca da identidade desse espaço e de seus moradores, construindo narrativas que os mostrem sob novos enfoques. Com isso, objetiva-se apresentar o Rio em suas particularidades, além dos estereótipos que o restringem à um ponto turístico ou de violência.

A *Contraponto* se pretende um espaço de reflexão, de jornalismo crítico e humanizado. O processo de produção das matérias visa construir uma representação mais humana, sensível e aproximativa com a realidade dos personagens. A revista trabalha temas de relevância social e procura, através destes, questionar valores e comportamentos. Por fim, o intuito é produzir uma representação mais complexa e real, com narrativas mais sensíveis e amplificar a luta e a voz de grupos sub-representados pela mídia tradicional.

3 JUSTIFICATIVA

A revista *Contraponto* foi produzida por duas alunas do Rio de Janeiro, uma da Bahia e outro aluno, de São Paulo. A variedade cultural foi determinante para escolha do tema e linha editorial da revista. Havia uma disparidade de percepção com relação à cidade entre as alunas cariocas e os integrantes de fora do estado. Morando há quase dois anos na cidade, eles já apontavam contradições entre a realidade mediada que conheciam e a que vivenciavam diretamente. Criou-se em todo o grupo um desejo de produzir um veículo mais próximo à realidade carioca, mais diversificado e pautado nos conflitos sociais.

Além disso, em 2015, o Rio de Janeiro comemorou 450 anos e vivenciava um momento de grande visibilidade nacional e internacional, devido aos grandes eventos sediados na capital. O aniversário da cidade inspirou coberturas que exaltavam suas belezas, a partir dos pontos mais nobres da Zona Sul. Do outro lado, em vista dos megaeventos, os problemas públicos se multiplicavam na imprensa. Reportagens polarizadas que reduziam a cidade ao paraíso ou a um problema.

Nesse contexto, a construção de um veículo que tivesse o Rio de Janeiro e sua diversidade como tema era imprescindível.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

As revistas apresentam alguns aspectos que caracterizam a sua produção e a diferenciam dos outros meios: a relação com o leitor (conhece o perfil do público e, principalmente, o trata com mais intimidade e proximidade); o formato (fácil de carregar, folhear); e a periodicidade. Esses aspectos permitem que apresentem um conteúdo mais abrangente e diversificado, sendo capazes de confirmar, explicar ou aprofundar histórias já publicadas por mídias tradicionais, além de possuir mais tempo para elaborar a pauta, realizar a apuração e explorar diferentes ângulos (SCALZO, 2013). Os citados aspectos foram definidos durante as primeiras aulas de Planejamento Editorial, visando ambientar e preparar os alunos para o exercício do jornalismo de revista. Todas as atividades do planejamento e execução da revista foram precedidas por teoria e discussão em sala de aula.

O processo de produção da revista pode ser dividido em duas etapas: planejamento e execução do veículo. Na primeira, o grupo definiu o segmento, elaborou a linha editorial, projetou um escopo gráfico e sugeriu as pautas. Outros pontos também foram estabelecidos nessa fase, como nome, proposta de capa, número de páginas, editoriais, linguagem, gêneros textuais e recursos visuais. No segundo momento, foi iniciada a apuração e produção das reportagens, concomitantemente, à produção das fotos, ilustrações e outros elementos gráficos. As matérias já prontas eram enviadas para revisão da professora da disciplina, que atuava no processo como editora-chefe, analisando os textos e sugerindo as alterações. Por fim, ocorreu a diagramação do produto e revisão geral.

Durante este processo é importante ressaltar a importância e especificidade do trabalho de apuração. O conteúdo da revista exigiu um amplo trabalho de pesquisa. Além das bibliografias apresentadas em sala de aula, que nortearam o processo geral de produção, os alunos buscaram leitura específica sobre os temas abordados: livros, artigos acadêmicos, estatísticas e histórico na mídia.

Outro ponto fundamental foi o contato com as fontes, sobretudo nas pautas mais sensíveis, que precisou ser estabelecido aos poucos, desenvolvendo uma relação de confiança entre repórter e entrevistado. Essa aproximação foi fundamental para a reportagem de capa, “Uma guerra sem vencedor”, na qual as duas fontes ouvidas não poderiam ser identificadas, devido a ameaça à segurança que seus relatos poderiam

representar. Além do risco, o assunto também é delicado e difícil para os entrevistados, nesse momento, a confiança e credibilidade no repórter são fundamentais (KOTSCHO, 2000).

Na matéria “Olhe nos meus olhos, sou ser humano”, a narrativa exigia uma aproximação à realidade diária das pessoas que vivem nas ruas. A história de Silvio, fonte entrevistada, ganhou contornos e profundidade a partir do diálogo com outros moradores de rua. A experiência intensa levou à elaboração de um subtítulo, descrevendo, em primeira pessoa, o aprendizado das estudantes nessa cobertura. O intuito desse trecho, bem como orienta Ricardo Kotscho “é fazer com que o leitor viaje junto, o repórter cumprindo sua função primeira: colocar-se no lugar das pessoas que não podem estar lá, e contar o que viu como se estivesse escrevendo uma carta a um amigo” (2000, p.16).

Os cuidados na apuração tiveram continuidade durante a produção dos textos. Para atender a proposta da revista, foi determinado um estilo discursivo, isto é, características que orientavam a linguagem utilizada nas matérias. São elas: a simplicidade, a sensibilidade e a atenção ao vocabulário. Por simplicidade, entende-se a preferência por períodos mais curtos, palavras e expressões usuais. “Textos simples são mais fáceis de entender, além de mais elegantes” (SCALZO, 2013, p.58). Uma linguagem sensível é aquela que valoriza a figura humana, sem explorar suas emoções. Por fim, o cuidado com a escolha das palavras se refere à carga simbólica que estas adquirem em determinados contextos, ao julgamento de valor incluso em alguns termos.

A linguagem visual, no formato das revistas, adquire grande importância, não só comunicam por si, como também lançam significado sobre o conteúdo (SCALZO, 2013). Diferente dos jornais, as revistas têm personalidade e apresentam design mais complexo e ousado, que deve dialogar com o objetivo e a linha editorial. O projeto gráfico da *Contraponto* voltou-se para a diagramação das matérias individualmente, com o intuito de relacionar forma e texto. Entretanto, o layout das páginas precisa apresentar uma unidade comum em todo o produto, por isso segue padrões de estilo, fonte e cores. Outros elementos também contribuem para a construção da identidade, como, por exemplo, a utilização do contorno do Cristo Redentor na contracapa e no fio tipográfico, remetendo ao tema da revista.

4.1 PRINCIPIOS EDITORIAIS

A revista *Contraponto* foi construída a partir do conceito de jornalismo de resistência (engajamento ou social), explicado por Felipe Pena, como o exercício da profissão ligado à sua função social, resistindo à concepção mercadológica (2006, p.169). Essa premissa privilegia o compromisso do profissional com a sociedade, o exercício do jornalismo independente do poder e o estímulo ao pensamento crítico.

A revista acredita, assim como sugere Ricardo Kotscho, que o leitor tem o direito de saber o que pensa e quais os interesses do veículo e do profissional. Essa informação completa o sentido do texto e permite que o leitor tire suas próprias conclusões (2000, p. 9). A *Contraponto* se pretende um veículo ligado a militância social, comprometida com as questões e conflitos de um grupo específico, por isso não faria sentido simular neutralidade (VAZ, 2013).

Além disso, a equipe optou por desempenhar um jornalismo humanizado, que busque destacar o indivíduo e se aproximar da sua visão de mundo. O repórter deve buscar experimentar o contexto do outro, estar disposto a ouvir sem conceitos pré-estabelecidos e ser honesto sobre os seus propósitos. Esse tipo de postura valoriza a experiência pessoal do jornalista somando-a a matéria. Isto não significa textos sustentados por opiniões próprias, mas, sim, narrativas mais aprofundadas, sensíveis e interessantes.

O que se pede ao jornalista, em nome da objetividade, é que separe a razão da emoção. Mais precisamente, que deixe a emoção em casa e faça seu trabalho usando apenas a razão. Mas os vínculos humanos dependem da emoção, e para escrever um texto que outro ser humano leia e compreenda dependemos exatamente desses vínculos afetivos... A visão de mundo que fundamenta essa técnica de objetividade jornalística reforça a distancia entre os seres humanos e o isolamento do indivíduo. Mas é preciso refazer esses vínculos que permitam uma relação afetiva do leitor com o texto. Nos manuais isso se chama humanização da notícia. (VAZ, Ana, 2010, p.32)

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A *Contraponto* é uma revista temática do Rio de Janeiro, inserida no segmento cultura e sociedade. A primeira edição possui 72 páginas, nas quais apresenta diferentes formatos jornalísticos, como reportagem, opinião, entrevista, crônica, perfil e galeria de imagens. O objetivo foi diversificar não só os assuntos, como, também, a forma que estes são apresentados ao leitor, além de possibilitar aos alunos o contato e exercício de outros gêneros narrativos.

O nome da revista foi escolhido devido ao seu propósito de *contraponto* à mídia tradicional. A fotografia de capa dialoga com a matéria principal e ilustra uma cena

cotidiana nas favelas cariocas: uma criança brincando de pipa. Esses espaços são uma imagem referência do Rio de Janeiro na mídia, com enfoque comum para a violência (ROCHA, 2010). Por isso esta foto foi escolhida, com o objetivo de construir outros significados sobre esses lugares. O grupo optou por uma capa com poucos elementos, visando destacar a imagem.

O sumário é um resumo do conteúdo apresentando na publicação e funciona na *Contraponto* como um elemento gráfico que constitui sua identidade. Foi desenvolvido sob o mapa do Rio de Janeiro, a partir de uma ideia de checking nos bairros onde foram realizadas as matérias, uma escolha não só estética como demonstrativa da abrangência espacial das pautas produzidas. Representar a diversidade social e cultural presentes em uma cidade extensa como o Rio foi uma preocupação desde o início. A escolha das pautas considerou três aspectos: relação com a cidade; relevância social; e sub-representação na grande mídia.

5.1 CONTEÚDO

As primeiras páginas da revista (6-9) trazem uma entrevista com o Movimento “Rio Eu Amo, Eu Cuido”, uma iniciativa que promove intervenções sociais e culturais em diferentes pontos do Rio de Janeiro. O entrevistado conta como o projeto mobiliza e transforma a relação das pessoas com a cidade.

Na crônica Rio: um amor à primeira vista (10), o texto é da colaboradora-convidada Bárbara de Carvalho, estudante baiana que empresta suas impressões e narra a partir do olhar de um visitante. O texto fala sobre as percepções e o encantamento daqueles que experimentam a cidade pela primeira vez.

A sessão *Cariocas* se dedica a conhecer o perfil das pessoas que passam pela Rodoviária Novo Rio. O repórter procurou explorar a diversidade do local, abordando pessoas com características distintas. “A cara do Rio” (11-17) apresenta a história de seis cariocas, pessoas que nasceram ou escolheram a cidade para viver.

Para falar sobre temas polêmicos e preconceitos foi criada a sessão *Sem Filtro*, que trouxe a matéria “Elas trabalham” (18-21), com o intuito de provocar debate e apresentar mais informações sobre a prostituição, com enfoque no estigma e na legalização da profissão.

Para escrever a matéria “Olhe nos meus olhos sou ser humano” (22-25) foi preciso vivenciar a realidade dos moradores de rua mais de perto. Era necessário sentir e conhecer

diretamente essas pessoas, antes de tentar compreender e escrever sobre suas vidas. Além da história de Silvio, ex-morador de rua entrevistado, outros relatos contribuíram para aprofundar e humanizar o texto.

A função da sessão *Memória* é trazer fatos que marcaram a cidade, com o objetivo de reacender discussão e não permitir o seu esquecimento. Este espaço foi destinado a uma grande reportagem sobre a tragédia na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo. O crime ocorreu em 2011 e provocou comoção nacional, sendo reconhecido como a primeira (e única) chacina em uma Instituição de Ensino da história do país. “Para sempre mães de anjos” (26-35), relata, de forma humanizada, como as mães das 12 crianças assassinadas transformaram a dor da perda de seus filhos em luta por melhores condições de segurança, assistência social e psicológica dentro das escolas.

Em vista do valor das imagens para uma revista, a *Galeria* trouxe um ensaio fotográfico protagonizado pelos trabalhadores informais da Praia de Copacabana. “Os trabalhadores da princesinha do mar” (36-41), produzido por Larissa Bozi, que traz em seu conjunto elementos característicos do Rio de Janeiro: o profissional ambulante e a beleza natural.

A reportagem de capa, “Uma guerra sem vencedor” (42-49), discute a violência e a banalização da morte, nos conflitos entre o chamado “poder paralelo” e a polícia. O confronto armado e a violência simbólica nas favelas cariocas são temas que compõem a identidade da cidade na mídia (ROCHA, 2010). A reportagem busca fugir da polarização comum nas matérias sobre o tema e lança olhar sobre as famílias vítimas da violência. Foram entrevistadas a mãe de dois jovens envolvidos com o tráfico de drogas, assassinados na Favela do Acari, e a viúva de um policial militar, morto na saída do serviço. Ambas as fontes não puderam ser identificadas e, com isto, a reportagem precisou ser ilustrada por um ensaio fotográfico produzido.

A sessão *Ritmos* trouxe “Um pedacinho do nordeste” (50-53). A matéria mostra a integração entre a cultura carioca e nordestina, no Centro Cultural de Tradições Nordestinas, situado em São Cristóvão. O repórter conversou com alguns grupos musicais que se apresentam na Feira e comprovou que forró também é preferência carioca.

É comum no Rio de Janeiro ver vendedores ambulantes trabalhando dentro do transporte público. “Desculpe incomodar a sua viagem” (54-57) é a frase repetida pelos trabalhadores para iniciar promoção e venda de seus produtos. Para falar sobre a rotina de

trabalho, a ausência de direitos e, até, a criminalização da profissão, foram entrevistados vendedores ambulantes do Terminal da Alvorada, Zona Oeste.

Vencedores é um espaço destinado a destacar o potencial de transformação social do esporte. A matéria “Lutar para vencer” (58-61), apresenta um projeto social que, por meio do ensino das artes marciais, impacta a vida de crianças e adolescentes das comunidades do entorno do bairro do Grajaú, Zona Norte.

Santa Teresa é um bairro que preserva parte da história da cidade e, também, tradicional ponto turístico, principalmente pela circulação do bonde. Em 2011 um acidente denunciou o estado de abandono e a circulação do bondinho foi suspensa. As obras para revitalização se prolongam desde então e não houve conclusão no processo que julga os responsáveis. Em formato de crônica, “Pelos trilhos de Santa Teresa” (62-65) visa apresentar a importância cultural do bondinho para Cidade e seus moradores.

Visto o propósito da revista é importante falar sobre o papel dos veículos de comunicação comunitária. No Rio, o Jornal *O Cidadão*, do Complexo de Favelas da Maré, se destaca como um dos mais antigos e de maior repercussão. A origem, as relações com a comunidade e os desafios de produção foram o foco da entrevista (66-69).

Por fim, o artigo opinativo escrito pela colaboradora-convidada Ana Lúcia Vaz, professora de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, debate a repercussão dos arrastões promovidos na Zona Sul, na internet e nos jornais. “De boa, o que você pretende construir com suas palavras” (70) é um esforço de ir contra a corrente dos discursos de ódio.

6 CONSIDERAÇÕES

Construir um veículo é lançar sobre ele sonhos e expectativas, além de ser um grande desafio. A revista leva um semestre para ser produzida, demanda tempo, esforço e dedicação de seus integrantes. O planejamento nem sempre consegue ser seguido e algumas decisões precisam ser tomadas de imediato: Quanto tempo se deve esperar pelo retorno de uma fonte? Como se decide a hora certa de derrubar uma pauta? A resposta para essas e outras perguntas não é exata e exige vivência para se conhecer.

O projeto permitiu a experimentação do jornalismo aprofundado, crítico e humanizado. Estimulou o exercício dos gêneros textuais variados, da fotografia e diagramação. Apresentou a rotina de produção, o compromisso com os prazos, a coleta de

informações e relacionamento com as fontes. E, principalmente, ensinou sobre a responsabilidade de ocupar o espaço de fala e contar a história do outro.

“Não existe revista sem trabalho em equipe. A figura do jornalista solitário não tem lugar em uma redação de revista [...]” (SCALZO, 2013, p.59). A composição da equipe e o trabalho coletivo foram fundamentais para chegar-se na proposta e execução do projeto tal como se apresenta. O encontro de ideias e opiniões divergentes foi produtivo, dando origem a novos conceitos, trazendo pluralidade às decisões e elevando a qualidade do material.

A oportunidade de trabalhar o Rio de Janeiro como tema tornou possível conhecer a cidade mais a fundo e ter contato com realidades distintas. A cada pauta realizada, os integrantes destacavam o sentimento de crescimento profissional e pessoal. O envolvimento com as histórias provocou sentimentos intensos, e aprender a lidar com eles talvez tenha sido o maior aprendizado.

Tristeza e alegria. Esses sentimentos se alternam nos trabalhos de cobertura, e não há como o repórter ficar insensível – nem deve. Afinal, ele é antes de mais nada um ser humano igual aos seus leitores, e precisa transmitir não só as informações, mas também as emoções dos acontecimentos que está cobrindo. Informação e emoção são as duas ferramentas básicas do repórter, e ele terá que lutar sempre consigo mesmo para saber dosá-las na medida certa em cada matéria (KOTSCHO, 2000, p.32)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KARAM, Francisco. **Jornalismo, Ética e Liberdade**. São Paulo: Ed.USP, 1997.
- KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ROCHA, Daniela. **Da Batalha à Guerra do Rio**: uma abordagem espaço-temporal da representação das favelas na imprensa carioca. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú - MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- VAZ, Ana Lucia. **Jornalismo na Correnteza**. Rio de Janeiro: Ed.Senac Nacional, 2013.